

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT18.013

NÍVEL DE CONHECIMENTO SOBRE O SUICÍDIO ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

VIVIANE ALVES DOS SANTOS BEZERRA

Psicóloga; Mestra em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB);

MARIA EDNA SILVA DE ALEXANDRE

Professora no Departamento de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), vivianebezerrapsi@gmail.com;

MARÍLIA PEREIRA DUTRA

Psicóloga; Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), coautor1@email.com;

LILIAN KELLY DE SOUSA GALVÃO

Psicóloga; Mestra em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Professora no Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), vivianebezerrapsi@gmail.com;
Psicóloga; Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Professora no Departamento de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), vivianebezerrapsi@gmail.com;

RESUMO

O suicídio é um problema social e de saúde globalmente significativo, de grande impacto psicológico, afetivo e econômico para a sociedade. Uma das parcelas da população mais atingidas por este fenômeno são os adolescentes e jovens na faixa etária entre 15 e 29 anos, entre os quais um número expressivo é de estudantes universitários. Tendo em vista que esse público tende a buscar apoio entre os pares quando vivencia situações de sofrimento, é relevante averiguar o conhecimento que esses jovens têm a respeito do comportamento suicida, a fim de refletir como isso pode impactar nas ações de prevenção. Desse modo, o presente trabalho teve como objetivo investigar o nível de conhecimento sobre o suicídio em jovens universitários brasileiros e verificar sua variação em função das características sociodemográficas. Participaram da pesquisa 446 estudantes universitários com idades variando de 18 a 29 anos (*Idade* =

22,57; $DP = 2,99$), sendo 71,7% do sexo feminino e majoritariamente autodeclarados brancos. Para a coleta de dados foram utilizados a Escala de Conhecimento Sobre o Suicídio – Forma Reduzida e um Questionário Sociodemográfico. Os resultados da presente investigação demonstraram que os estudantes universitários participantes possuem níveis elevados de conhecimento sobre o suicídio, além disso, observou-se que aqueles que pensaram ou tentaram suicídio e que já receberam algum tipo de treinamento sobre o suicídio apresentaram maiores níveis de literacia em suicídio quando comparados àqueles que nunca experienciaram tal situação nem receberam nenhum tipo de treinamento sobre o comportamento suicida. Espera-se que os resultados desse estudo possam inspirar novas pesquisas sobre o tema no ambiente universitário, especialmente verificando-se como o conhecimento sobre o suicídio pode motivar ações de busca e de oferta de ajuda nesse contexto.

Palavras-chave: Suicídio, Conhecimento, Estudantes, Universidade, Prevenção.

INTRODUÇÃO

Tirando a vida de pessoas em todas as faixas etárias e classes sociais, o suicídio é um problema social e de saúde globalmente significativo, de grande impacto psicológico, afetivo e econômico para a sociedade. A Organização Mundial de Saúde (WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO, 2021) estima que a cada 40 segundos uma pessoa morre por suicídio no mundo, totalizando cerca de 703 mil óbitos autoprovocados por ano. No Brasil, as mortes autoprovocadas aumentaram 220,85% entre 1979 e 2015, e o número de óbitos/100 mil habitantes subiu de 4,3 em 2000 para 5,2 no período de 15 anos (ALMEIDA et al., 2020). Estes números já elevados de suicídio se tornam ainda mais preocupantes quando se considera o contexto pandêmico provocado pela COVID-19 que, segundo os especialistas na área, pode gerar, a médio e longo prazo, um aumento considerável nas taxas de suicídio (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE – OPAS, 2020).

Embora já sejam alarmantes, esses dados são, ainda, provavelmente subestimados, pois muitos casos de mortes por suicídio não são documentados como tal. Isso ocorre porque na maioria das sociedades ocidentais, o suicídio está fortemente ligado a significados sociais pejorativos. Ao contrário do luto associado a outras mortes, o suicídio evoca uma série de reações desconfortáveis, incluindo estigma, vergonha e culpa, envolvendo aqueles que se suicidam, bem como aqueles que ficam para trás (GIBSON et al., 2019). Ademais, outros aspectos da violência autodirigida, como tentativas de suicídio, ideação suicida e autolesão não suicida, são ainda mais prevalentes do que os casos de suicídio completo (LA GUARDIA et al., 2019).

Dentre os públicos mais atingidos pelo comportamento suicida estão os adolescentes e jovens. Ao considerar o cenário mundial, observa-se que a morte por suicídio ocupa o segundo lugar entre as causas de falecimento de pessoas na faixa etária entre 15 e 29 anos; já no contexto brasileiro, o suicídio figura como a terceira causa de morte dessa população (WHO, 2019). De modo específico, estima-se que 131.000 suicídios ocorram anualmente entre adolescentes e pessoas no início da idade adulta (ALDALAYKEH et al., 2020; WHO, 2019).

Dentro desse grupo de risco, há, em um recorte menor, os estudantes universitários, que são, em sua grande maioria, representados por jovens e jovens-adultos, na faixa etária de 18 a 29 anos de idade. Estudos recentes têm demonstrado que, para a população universitária, o suicídio representa um grave problema a ser

enfrentado (COSTA; NEBEL, 2018; SANTA; CANTILINO, 2016). Como coloca Pereira (2015), a transição do ensino médio para o ensino superior e, posteriormente, ao mercado de trabalho, pode acarretar dificuldades e preocupações que tornam a vida universitária um catalisador para o sofrimento do estudante.

Um aspecto que chama a atenção dos pesquisadores no que diz respeito ao comportamento suicida entre estudantes universitários, é o fato de que esse público prefere revelar pensamentos suicidas a colegas que a profissionais de saúde mental (MUEHLENKAMP; QUINN-LEE, 2023; MUEHLENKAMP; THOEN, 2019). Esse dado é particularmente relevante, pois demonstra que, além de fortalecer os recursos de prevenção do suicídio no *campus* universitários, deve-se buscar também instrumentalizar os estudantes para lidarem efetivamente com essas situações de risco, caso sejam confrontados por elas. Afinal, se os estudantes universitários não estiverem cientes dos sinais de alerta, dos fatores de risco e dos recursos de ajuda disponíveis, as oportunidades de identificação precoce de amigos em risco podem ser perdidas, resultando em alguns estudantes progredindo de pensamentos suicidas para tentativas e suicídios completos (KING et al., 2008).

Dentre os diversos aspectos que podem ser trabalhados a fim de instrumentalizar os estudantes como vetores de prevenção do suicídio, destaca-se o conhecimento público sobre o assunto (OZTÜRK; AKIN, 2018; WHO, 2021). O conhecimento sobre o suicídio, também denominado de alfabetização ou literacia em suicídio, refere-se ao grau de entendimento de um indivíduo sobre o comportamento suicida, sua capacidade de reconhecer sinais de alerta e fatores de risco, e sua compreensão de como e quando intervir (MORTON et al., 2021).

Estudos apontam que promover a literacia em suicídio é uma das formas mais eficazes para reduzir o estigma sobre o comportamento suicida, aumentar a procura de ajuda e de tratamento adequado, bem como ampliar a oferta de ajuda no caso de ser confrontado com alguém em risco (ALDALAYKEH et al., 2020; AL-SHANNAQ; ALDALAYKEH, 2021; CALEAR et al., 2021; JUNG; STERNBERG; DAVIS, 2016). O estudo realizado por Al-Shannaq e Aldalaykeh (2021), por exemplo, demonstrou que a literacia sobre o suicídio foi o preditor mais forte da procura de ajuda psicológica entre estudantes universitários. Já a pesquisa de Cruwys et al. (2018), revelou que o conhecimento sobre o suicídio permite que as pessoas da população geral forneçam um suporte mais apropriado àqueles sujeitos que apresentam risco para comportamentos autodestrutivos. Especificamente, os autores do último estudo mencionado verificaram que as pessoas com baixo conhecimento

sobre o suicídio eram mais propensas a recomendar autoajuda ou nenhuma ação quando confrontadas com um sujeito apresentando sinais de sofrimento psicológico, enquanto pessoas com alta alfabetização em suicídio eram mais propensas a recomendar ajuda profissional, especificamente quando o alvo relatava ideiação suicida.

Esses dados destacam a importância de realizar campanhas de conscientização sobre suicídio, transtornos psicológicos e serviços de saúde mental para os jovens nas universidades, a fim de aumentar seus níveis de alfabetização e, conseqüentemente, mudar suas atitudes de busca e de oferta de ajuda psicológica. Como mencionam Hunt e Eisenberg (2010), a universidade representa o único momento na vida de muitas pessoas em que um único ambiente integrado engloba suas principais atividades – tanto relacionadas à carreira quanto sociais –, bem como serviços de saúde e outros serviços de apoio. Em suma, as universidades oferecem uma oportunidade única para abordar um dos problemas de saúde pública mais significativos entre adolescentes e adultos jovens, o suicídio.

Contudo, embora o aumento no conhecimento sobre o suicídio demonstre ser eficaz para ações de prevenção, o número de pesquisas realizadas, especialmente em âmbito nacional, acerca do conhecimento do público sobre os comportamentos autodestrutivos ainda limitado. De fato, pouco se sabe sobre abordagens que vão além do nível clínico para melhorar a saúde mental da população universitária. Embora seja intuitivo que fatores contextuais como apoio de colegas afetem a saúde mental dos alunos, os pesquisadores ainda precisam examinar essas relações com rigor.

Em face do panorama apresentado, o presente trabalho teve como principal objetivo avaliar o nível de conhecimento sobre o suicídio entre estudantes universitários brasileiros e verificar se estes níveis podem ser influenciados por variáveis sociodemográficas. Acredita-se que esse estudo pode contribuir para o desenvolvimento de novas pesquisas que identifiquem como a promoção da literacia em suicídio pode ser útil para as ações de prevenção em nível comunitário.

METODOLOGIA

DELINEAMENTO

Trata-se de um estudo quantitativo, descritivo e transversal.

PARTICIPANTES

Este estudo contou com a participação de 446 estudantes universitários com idades variando de 18 a 29 anos (*M*idade = 22,57; *DP* = 2,99), sendo 71,7% do sexo feminino e 61,9% autodeclarados brancos. No que se refere região de residência e a crença religiosa, a maior parte dos respondentes (49,8%) foi oriunda da região Nordeste do Brasil e se autodeclararam católicos (28,7%). No tocante a renda mensal familiar, os participantes, em sua maioria (50,4%), alegaram possuir uma renda que variava entre 1 e 3 salários-mínimos. Tratando-se das características psicossociais da amostra, a saber: exposição ao suicídio, experiência com o comportamento suicida e educação sobre o suicídio, os participantes, majoritariamente, disseram ter conhecido alguém que morreu por suicídio (56,3%), já ter sofrido com ideações e/ou tentativas de suicídio (77,4%) e terem recebido algum tipo de treinamento/educação sobre o suicídio e sua prevenção (64,6%).

INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Escala de Conhecimento Sobre o Suicídio – Forma Reduzida (ECSS-FR).

Desenvolvida por Caele, Batterham e Christensen (2012), traduzida para o português brasileiro por Almeida et al. (2020), a ECSS-FR avalia o conhecimento factual dos indivíduos a respeito do comportamento suicida por meio de 12 itens, organizados em quatro domínios do conhecimento: (a) sinais e sintomas, (b) causas ou a natureza do suicídio, (c) fatores de risco e (d) tratamento e prevenção. Os itens podem ser avaliados como verdadeiros, falsos ou “não sei”. Às respostas corretas é atribuído o valor de 1, e para as respostas incorretas e “não sei”, é atribuído o valor de 0. O total é fornecido ao somar as pontuações marcadas corretamente. Nesse sentido, o score pode variar de 0 a 12, sendo que maiores pontuações sugerem maior nível de conhecimento factual acerca do suicídio. Neste estudo verificou-se que a consistência interna do instrumento, para fins de pesquisa, foi considerada aceitável: Alpha de Cronbach = 0,60.

Questionário Sociodemográfico. Contendo perguntas referentes à idade, ao sexo, ao nível de escolaridade, à região de residência, ao conhecimento de alguém que morreu por suicídio, ao histórico pessoal de ideações e/ou tentativas de suicídio ao longo da vida, e à experiência educativa com a temática do suicídio.

PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada com o auxílio da plataforma *Google Forms*. Nela foi criado um formulário *online* no qual foram inseridos os instrumentos apresentados na seção anterior. Em seguida, o *link* deste formulário foi divulgado para o público-alvo por meio do *e-mail* e de redes sociais, como *Facebook*, *WhatsApp* e *Instagram*, permanecendo aberto para receber respostas por um período de 60 dias.

PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Inicialmente, para verificar a porcentagem de acertos e erros dos participantes para cada item da ECSS-FR foram realizadas análises estatísticas descritivas (frequência, média, desvio padrão), com o auxílio do programa JASP, versão 0.14.1.0.

Em seguida, um teste de comparação de médias (Mann-Whitney) foi utilizado para verificar se existiam diferenças no nível de conhecimento sobre o suicídio em função do sexo (Feminino *versus* Masculino), da exposição ao suicídio (Conheceu alguém que terminou a vida por suicídio *versus* Nunca conheceu ninguém que terminou a vida por suicídio); da experiência pessoal com o suicídio (Já pensou/tentou suicídio *versus* Nunca pensou/tentou suicídio) e da experiência educacional com o fenômeno (Já recebeu algum tipo de treinamento/educação sobre o suicídio *versus* Nunca recebeu nenhum tipo de treinamento/educação sobre o suicídio).

CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

A realização deste estudo foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas (CEP), da Universidade Federal da Paraíba, sob o número CAAE: 58620822.8.0000.5188. Além disso, todo o estudo foi conduzido respeitando os preceitos éticos recomendados pela resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) (BRASIL, 2016).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela 1 apresenta os resultados referentes aos itens da ECSS-FR agrupados por domínio de conhecimento. A pontuação média da ECSS-FR para a amostra

foi de 7,89 ($DP = 2,09$), o que indica que os estudantes apresentam níveis elevados de conhecimento sobre o suicídio. Os níveis de alfabetização em suicídio observados entre os estudantes universitários brasileiros são semelhantes àqueles encontrados por Batterham et al. (2019) ($M = 7,63$ de 12; $DP = 2,47$) e por Cruwys et al. (2018) ($M = 7,56$; $DP = 2,30$) em diferentes amostras da população australiana. Ademais, menciona-se que o alto nível conhecimento sobre o suicídio observado neste estudo pode estar associado ao fato de a amostra ser formada por pessoas que possuem um alto nível de escolaridade. Conforme foi demonstrado por Batterham, Calear e Christensen (2013), Calear et al. (2021) e por Ludwig et al. (2021), universitários tendem a demonstrar maior conhecimento sobre o suicídio quando comparados a pessoas da população geral. Além disso, é válido mencionar que a maior parte (64,6%) da amostra havia recebido algum tipo de treinamento/educação sobre o suicídio, o que possivelmente contribuiu para os elevados níveis de alfabetização em suicídio observados neste estudo.

Tabela 1. Proporção de Acertos e Erros para os Itens da Escala de Conhecimento Sobre o Suicídio – Forma Reduzida (N = 446)

Itens	Respostas Corretas (%)	Erradas/ Não Sei (%)
Causas/Natureza do comportamento Suicida		
1. Se avaliados por um psiquiatra, todos os suicidas seriam diagnosticados como deprimidos. (F)	66,1	33,9
7. Falar sobre suicídio sempre aumenta o risco de suicídio. (F)	83,4	16,6
10. Pouquíssimas pessoas têm pensamentos suicidas. (F)	85,2	14,8
12. Alguém que já tentou suicídio sempre será propenso a morrer por suicídio e sempre terá pensamentos suicidas. (F)	43,7	56,3
Fatores de Risco		
3. A maioria das pessoas que morrem por suicídio possuem esquizofrenia. (F)	77,4	22,6
4. Existe uma forte relação entre alcoolismo e suicídio. (V)	41,0	59,0
11. Homens são mais propensos a morrer por suicídio do que as mulheres. (V)	44,2	55,8
Sinais e Sintomas		
5. Pessoas que conversam sobre suicídio raramente se matam. (F)	52,5	47,5
6. Pessoas que querem tentar suicídio podem mudar de ideia rapidamente. (V)	29,6	70,4
8. Nem todas as pessoas que tentam suicídio planejam suas tentativas previamente. (V)	68,6	31,4

Itens	Respostas Corretas (%)	Erradas/ Não Sei (%)
Tratamento/Prevenção		
9. Pessoas que têm pensamentos sobre suicídio não devem contar aos outros sobre isso. (F)	92,2	7,8
2. Ser acompanhado por um psiquiatra ou psicólogo pode ajudar a prevenir que alguém suicide. (V)	93,0	7,0
Média		7,89
Desvio Padrão		2,09

Nota. F = Falso; V = Verdadeiro.

Fonte: [Elaboração Própria \(2023\)](#).

Também foi possível observar que os respondentes tiveram melhor desempenho nas afirmações relacionadas ao domínio de conhecimento “tratamento e prevenção” com mais de 90% de acertos. Em contrapartida, déficits significativos de conhecimento sobre o suicídio puderam ser observados no domínio “fatores de risco”.

Salienta-se que o bom desempenho dos participantes observado no domínio de conhecimento “tratamento e prevenção” também foi evidente em amostras de outros países, como a Austrália (BATTERHAM et al., 2013; BATTERHAM et al., 2019; CHAN et al., 2014), Turquia (OZTÜRK; AKIN, 2018) e Jordânia (ALDALAYKEH et al., 2020). Isso pode ser explicado pelo fato de as afirmações sobre a prevenção do suicídio na ECSS-FR serem mais gerais e, portanto, mais fáceis de identificar.

Já as dificuldades notadas nos itens que avaliam os fatores de risco associados ao suicídio, podem refletir lacunas de conhecimento específicas neste grupo populacional. Desse modo, sugere-se que as atividades de conscientização ou campanhas direcionadas a prevenção do suicídio no contexto universitário podem se beneficiar de um foco na educação do público sobre os fatores de risco do suicídio e como amenizá-los.

No a análise do nível de alfabetização em suicídio em função das variáveis sociodemográficas, não foram encontradas diferenças significativas entre homens e mulheres para o nível de alfabetização em suicídio. Esse resultado vai de encontro ao que vem sendo observado na literatura internacional (BATTERHAM et al., 2019; CALEAR et al., 2021), a qual demonstra que, em geral, as mulheres apresentaram um maior nível de alfabetização em suicídio quando comparadas aos homens. Esse dado pode sugerir que, no contexto brasileiro, especificamente no ambiente universitário, homens e mulheres têm acesso igualmente as informações acerca do

comportamento suicida e da sua prevenção, indicando que, talvez, o público masculino esteja mais atento a questões relativas à saúde mental.

No que se refere ao papel da exposição ao suicídio, verificou-se que não houve diferenças significativas quando foram comparados os participantes que conheceram alguém que morreu por suicídio àqueles que nunca conheceram. Novamente os resultados observados no presente estudo vão na direção contrária do que tem sido encontrado na literatura internacional, tendo em vista que estudos anteriores (ARAFAT et al., 2022; CHAN et al., 2014; LUDWIG et al., 2021; ÖZTÜRK; AKIN, 2018) descobriram um maior nível de conhecimento sobre o suicídio em participantes com histórico familiar de tentativas de suicídio. Contudo, é válido salientar que essa não diferenciação parece ser uma característica de amostras brasileiras, tendo em vista que outros dois estudos anteriores os quais buscaram investigar os níveis de conhecimento sobre o suicídio na população geral (BEZERRA et al., *in prep.*) e na população de pessoas idosas (MARTINS et al., 2023) também não observaram diferenças em no nível de conhecimento sobre o suicídio em função da exposição ao suicídio.

Não obstante, é válido salientar que, neste estudo, a exposição ao suicídio foi considerada como o fato de ter conhecido ou não, alguém que faleceu por suicídio. Contudo, a exposição ao suicídio também pode ser compreendida de outras maneiras, conforme demonstram Wolford-Clevenger et al. (2019). Por exemplo, pessoas que nunca conheceram pessoalmente alguém que morreu por suicídio podem ser frequentemente expostas ao fenômeno por meio da mídia, seja nos telejornais, ou mesmo em livros e séries sobre o assunto. Desse modo, talvez seja mais profícuo que estudos futuros busquem investigar as diferenças no nível de conhecimento sobre o suicídio em função dessas diferentes formas de exposição.

Tratando-se das análises em função da experiência pessoal com o suicídio, observa-se que houve diferenças significativas no nível de alfabetização em suicídio quando comparados os participantes que nunca sofreram com ideações e/ou tentativas de suicídio aos que já vivenciaram tal situação. De modo específico, aqueles estudantes que já pensaram ou tentaram suicídio em algum momento da vida, apresentaram maiores níveis de conhecimento sobre o suicídio do que aqueles que nunca pensaram e/ou tentaram. Esses resultados, por sua vez, estão de acordo com o que vem sendo observado nos estudos internacionais, os quais demonstram que estudantes que tiveram ideação suicida ou tentativas de suicídio no passado apresentaram maior literacia em suicídio em comparação com estudantes que

não pensaram ou tentaram suicídio (ÖZTÜRK; AKIN, 2018). Uma possível explicação para esses dados é que pessoas que apresentaram comportamentos suicidas podem ter procurado ajuda profissional e recebido algum tipo de psicoeducação, por isso, apresentam um maior conhecimento sobre o suicídio. Essa hipótese é corroborada por pesquisas que demonstram que estudantes que já haviam passado por uma consulta psiquiátrica apresentam maior nível de conhecimento sobre o suicídio em relação aos alunos que nunca receberam apoio psiquiátrico (ÖZTÜRK; AKIN, 2018). Nesse sentido, além de investigar a experiência com o suicídio, estudos futuros também podem verificar se os sujeitos que já pensaram e/ou tentaram suicídio procuraram ajuda profissional. Além disso, é plausível pensar que pessoas em risco de suicídio podem também ter buscado informações em fontes informais (e.g. livros, internet, redes sociais), o que também pode ter algum impacto no seu nível de conhecimento sobre o suicídio.

Por último, no que se refere a educação/treinamento sobre o comportamento suicida, observou-se que aqueles participantes que indicaram nunca haver recebido qualquer tipo de educação sobre suicídio apresentaram um menor nível de alfabetização em suicídio que aqueles que já haviam recebido algum tipo de treinamento/educação sobre a temática. Esse resultado é condizente com o que vem sendo observado em estudos prévios (CALEAR et al., 2021), e demonstra a importância do desenvolvimento desse tipo de ação dentro do ambiente acadêmico. Contudo, é válido salientar que neste estudo não foi investigado o tipo de treinamento sobre o suicídio que os participantes receberam, assim considera-se importante que investigações futuras avaliem se o nível de conhecimento em suicídio varia em função do tipo de educação/treinamento recebido. Responder a esse questionamento é fundamental, pois pode ajudar a verificar que tipo de intervenção é mais adequada para proporcionar um aumento real do conhecimento público sobre o fenômeno.

Os resultados pormenorizados das análises estatísticas realizadas em função das variáveis sociodemográficas, podem ser observados na Tabela 2.

Tabela 2. Diferenças no Nível de Conhecimento Sobre o Suicídio em Função das Variáveis Sociodemográficas

		N	Média do Rank	U	Sig.
Sexo	Masculino	114	214,43	17890,00	0,75
	Feminino	320	218,59		

		N	Média do Rank	U	Sig.
Exposição	Conheceu alguém que morreu por suicídio	251	227,93	23361,50	0,40
	Não conheceu ninguém que morreu por suicídio	195	217,80		
Experiência	Já pensou e/ou tentou suicídio	345	231,65	14610,00	0,01
	Nunca pensou nem tentou suicídio	101	195,65		
Educação	Nunca recebeu educação sobre o suicídio	158	194,45	18162,00	< 0,01
	Recebeu educação sobre o suicídio	288	239,44		

Fonte: **Elaboração Própria (2023).**

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face do que foi exposto, pode-se concluir que os objetivos elencados para o presente estudo foram alcançados. Primeiro, foram verificados os níveis de conhecimento sobre o suicídio entre os estudantes universitários participantes, observando-se que eles possuem níveis elevados de alfabetização sobre o suicídio. Em seguida, se analisou se esses níveis de conhecimento iriam variar em função das variáveis sociodemográficas (e.g. sexo, exposição o suicídio, experiência com o suicídio, educação sobre o comportamento suicida e sua prevenção), essas análises revelaram que pessoas que pensaram ou tentaram suicídio e que já receberam algum tipo de treinamento sobre o suicídio apresentaram maiores níveis de literacia em suicídio quando comparados aqueles que nunca experienciaram tal situação nem receberam nenhum tipo de treinamento sobre o comportamento suicida.

Acredita-se que os resultados deste estudo exploratório representam um primeiro passo para identificar como o conhecimento sobre o suicídio pode favorecer ações de prevenção entre os jovens universitários brasileiros. Novas pesquisas podem agora ir além do que foi aqui realizado e buscar identificar como o conhecimento sobre o suicídio se associa a aspectos como, o estigma sobre o suicídio, a oferta e a busca de ajuda em situações de risco.

Embora essa investigação traga contribuições para o campo de estudos do suicídio, é válido mencionar que ela possui algumas limitações, além daquelas elencadas na seção anterior. Pode-se citar, por exemplo, o fato de a amostra ser pouco diversa no que diz respeito ao sexo, a cor, a região de residência, entre outros aspectos que limitam a generalização desses achados. Desse modo, sugere-se também

que outros estudos sejam realizados com uma amostra mais representativa dos diferentes estratos da população.

Ademais, é relevante mencionar um ponto que, não raras vezes, é alvo de preocupação entre os profissionais quando se fala de instrumentalizar pessoas que não são do campo da saúde mental para atuarem como vetores de prevenção do suicídio. É comum que ao discutir sobre o assunto, surja o questionamento se as ações realizadas por pessoas que não são especialistas em saúde mental são realmente eficazes para ajudar alguém em risco, tendo em vista que o pensamento social ainda é permeado pelo tabu de que falar sobre o suicídio pode precipitá-lo. Contudo, a própria Organização Mundial de Saúde indica que falar sobre o suicídio não possui um efeito iatrogênico e que reconhecer e conversar sobre o tema pode, na verdade, reduzir em vez de aumentar a ideação suicida. Além disso, ainda de acordo com o órgão, algumas mortes por suicídio poderiam ser evitadas por meio de ações relativamente simples, que não exigem necessariamente uma formação profissional, como acolher a pessoa em risco, escutá-la sem julgamentos e encaminhá-la para os serviços e profissionais adequados.

Entretanto, argumenta-se que, embora sejam relativamente simples, ações como ouvir e acolher uma pessoa em risco de suicídio e encaminhá-la para um serviço de saúde, podem não se fazer presente de forma espontânea no cotidiano. Especialmente se as pessoas não souberem identificar os fatores de risco, os sinais e sintomas, ou desconhecerem as instâncias em que podem buscar ajuda. Desse modo, considera que ter conhecimento sobre o suicídio é uma condição *sine qua non* para o desenvolvimento de qualquer estratégia preventiva.

Por último, chama-se atenção para o alto número de estudantes universitários participantes desse estudo que já pensaram ou tentaram suicídio em algum momento da vida (77,4%) e que conheceram alguém que morreu por suicídio (56,4%). Esses dados alarmantes demonstram que é imperativo que as universidades de todo o país desenvolvam políticas públicas de prevenção do suicídio no *campus*, bem como que os estudantes sejam instrumentalizados para saberem como agir frente a essas situações. Apenas políticas que consigam coordenar as ações de prevenção em diferentes níveis podem ser realmente eficazes para lidar com a problemática do suicídio. Nesse sentido, espera-se que cada vez profissionais da educação – docentes, coordenadores de curso, psicólogos e assistentes sociais educacionais, se conscientizem a respeito do seu papel nas ações de prevenção do suicídio dentro dos ambientes educacionais, papel este que não se resume a

ações isoladas em épocas específicas do ano, como o Setembro Amarelo, mas que envolvem, sobretudo, a cobrança às instituições governamentais por serviços de educação e de saúde de qualidade que possam fornecer os cuidados adequados aos estudantes.

REFERÊNCIAS

ALDALAYKEH, M.; DALKY, H.; SHAHROUR, G.; RABABA, M. Psychometric properties of two Arabic Suicide Scales: stigma and literacy. **Heliyon**, v. 6, n. 4, Article e03877. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2020.e03877>. Acesso em: 09 jul. 2023.

AL-SHANNAQ, Y.; ALDALAYKEH, M. Suicide literacy, suicide stigma, and psychological help seeking attitudes among Arab youth. **Current Psychology**. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s12144-021-02007-9>. Acesso em: 07 jul. 2023.

ALMEIDA, T. M.; CAMPOS, J. G. F.; CUNHA, A. F.; SALDANHA-SILVA, R. Tradução e Adaptação da “Stigma Of Suicide Scale – Short Form” e da “Literacy Of Suicide Scale – Short Form”: Evidências Preliminares. **Revista Interdisciplinar de Ciências Médicas**, v. 4,

2, p. 36-43. 2020. Disponível em: <http://200.169.1.56/ojs/index.php/ricm/article/view/431>. Acesso em: 07 jul. 2023.

ARAFAT, S. M. Y.; HUSSAIN, F.; HOSSAIN, F.; ISLAM, A.; MENON, V. Literacy and stigma of suicide in Bangladesh: Scales validation and status assessment among university students. **Brain and Behavior**, v. 12, n. 1, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/brb3.2432>. Acesso em: 07 jul. 2023.

BATTERHAM, P. J.; CALEAR, A. L.; CHRISTENSEN, H. Correlates of suicide stigma and suicide literacy in the community. **Suicide Life-Threatening Behavior**, v. 43, n. 4, 406–417. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/sltb.12026>. Acesso em: 08 jul. 2023.

BATTERHAM, P. J.; HAN, J.; CALEAR, A. L.; ANDERSON, J.; CHRISTENSEN, H. Suicide Stigma and Suicide Literacy in a Clinical Sample. **Suicide and Life-Threatening Behavior**, v. 49, n. 4, p. 1136–1147. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/sltb.12496>. Acesso em: 08 jul. 2023.

BEZERRA, V. A. S.; SILVA, W. A. D.; GALVÃO, L. K. S.; CAMINO, C. P. S. Escala de Conhecimento Sobre o Suicídio: Evidências de Validade Baseadas na TRI. **Manuscrito em Preparação**.

BRASIL (2016). Resolução 510/2016. **Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos** Ministério da Saúde/Conselho Nacional de Saúde, Brasília, DF. 2016.

CALEAR, A. L.; BATTERHAM, P. J.; CHRISTENSEN, H. (2012). The Literacy of Suicide Scale: Psychometric Properties and Correlates of Suicide Literacy. **Manuscrito não publicado**. 2012.

CALEAR, A. L.; BATTERHAM, P. J.; TRIAS, A.; CHRISTENSEN, H. The Literacy of Suicide Scale: Development, Validation, and Application. **Crisis**, v. 43, n. 5, p. 385–390. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1027/0227-5910/a000798>. Acesso em: 08 jul. 2023.

CHAN, W. I.; BATTERHAM, P.; CHRISTENSEN, H.; GALLETTY, C. Suicide literacy, suicide stigma and help-seeking intentions in Australian medical students. **Australasian psychiatry: Bulletin of Royal Australian and New Zealand College of Psychiatrists**, v. 22, n. 2, p. 132–139. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/1039856214522528>. Acesso em: 09 jul. 2023.

COSTA, E. G.; NEBEL, L. O quanto vale a dor? Estudo sobre a saúde mental de estudantes de pós-graduação no Brasil. **Polis**, v. 17, n. 50, p. 207–227. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-65682018000200207>. Acesso em: 09 jul. 2023.

CRUWYS, T.; AN, S.; CHANG, M. X-L.; LEE, H. Suicide literacy predicts the provision of more appropriate support to people experiencing psychological distress. **Psychiatry**

Research, v. 264, p. 98–103. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2018.03.039>. Acesso em: 07 jul. 2023.

GIBSON, K.; WILSON, J.; LE GRICE, J.; SEYMOUR, F. Resisting the silence: The impact of digital communication on young people’s talk about suicide. **Youth & Society**, v. 51, n. 8, 1011–1030. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0044118X17720986>. Acesso em: 09 jul. 2023.

HUNT, J.; EISENBERG, D. Mental Health Problems and Help-Seeking Behavior Among College Students, **Journal of Adolescent Health**, v. 46, p. 3–10. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2009.08.008>. Acesso em: 11 jul 2023.

JUNG, H.; STERNBERG, K. V.; DAVIS, K. Expanding a measure of mental health literacy: Development and validation of a multicomponent mental health literacy measure. **Psychiatry Research**, v. 243, p. 278–286. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.psychres.2016.06.034>. Acesso em: 08 jul. 2023.

KING, A. K.; VIDOURER, R. A.; STRADER, J. L. University Students’ Perceived Self-Efficacy in Identifying Suicidal Warning Signs and Helping Suicidal Friends Find Campus Intervention Resources. **Suicide and Life-Threatening Behavior**, v. 38, n. 5, p. 608-617. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1521/suli.2008.38.5.608>. Acesso em: 08 jul. 2023.

LA GUARDIA, A. C.; CRAMER, R. J.; BRUBAKER, M.; LONG, M. M. Community Mental Health Provider Responses-to a Competency-Based Training in Suicide Risk Assessment and Prevention. **Community Mental Health Journal**, v. 55, n. 2, p. 257–266. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10597-018-0314-0>. Acesso em: 07 jul. 2023.

LUDWIG, J.; DREIER, M.; LIEBHERZ, S.; HÄRTER, M.; VON DEM KNESEBECK, O. Suicide literacy and suicide stigma – results of a population survey from Germany. **Journal of Mental Health**, v. 1, p. 1–7. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09638237.2021.1875421>. Acesso em: 09 jul. 2023.

MORTON, M.; WANG, S.; TSE, K.; CHUNG, C.; BERGMANS, Y.; CENITI, A.; FLAM, S.; JOHANNES, R.; SCHADE, K.; TERAH, F.; RIZVI, S. Gatekeeper training for friends and family of individuals at risk of suicide: A systematic review. **Journal of Community Psychology**, v. 49, n. 6, p. 1838–1871. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/jcop.22624>. Acesso em: 07 jul. 2023.

MUEHLENKAMP, J. J.; QUINN-LEE, L. Effectiveness of a peer-led gatekeeper program: A longitudinal mixed-method analysis. **Journal of American College Health**, v. 71, n.1, p. 282-291. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/07448481.2021.1891080>. Acesso em: 07 jul. 2023.

MUEHLENKAMP, J. J.; THOEN, S. K. Short and Long-Term Impact of an Undergraduate Suicidology Course. **Suicide and Life-Threatening Behavior**, v. 49, n. 6, p. 1573–1586. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/sltb.12552>. Acesso em: 07 jul. 2023.

ORGANOZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. Após 18 meses de pandemia de COVID-19, OPAS pede prioridade para prevenção ao suicídio. OPAS. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/9-9-2021-apos-18-meses-pandemia-covid-19-opas-pede-prioridade-para-prevencao-ao-suicidio>. Acesso em: 09 jul. de 2023.

ÖZTÜRK, A.; AKIN, S. Evaluation of knowledge level about suicide and stigmatizing attitudes in university students toward people who commit suicide. **Journal of Psychiatric Nursing**, v. 9, n. 2, p. 96–104. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.14744/phd.2018.49389>. Acesso em: 08 jul. 2023.

PEREIRA, D. A. R. A experiência subjectiva da ideação suicida em estudantes universitários numa perspectiva fenomenológico-existencial. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – ISPA – Instituto Universitário, [S. l.], 2015.

MARTINS, L. P.; SILVA, P. D. F.; SILVA, D. V.; DINIZ, G. B.; DOMINGOS, A. K. S.; CARVALHO NETO, G. F. C.; BEZERRA, V. A. S. Conhecimento sobre o suicídio em pessoas idosas: um estudo exploratório. In: II Congresso Nacional de Inovação em Saúde e Humanas. **Anais**. 2023.

SANTA, N. D.; CANTILINO, A. Suicídio entre Médicos e Estudantes de Medicina: Revisão de Literatura. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 40, n. 4., p. 772-780. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v40n4e00262015>. Acesso em: 09 jul. 2023.

WOLFORD-CLEVINGER, C.; KUHLMAN, S.; ELLEDGE, L. C.; SMITH, P. N.; STUART, G. L. A Preliminary Validation of the Suicidal Behavior Exposure Scale. **Psychological Violence**, v. 9, n. 4, p. 442-450. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/vio0000170>. Acesso em: 09 jul. 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Suicide**. World Health Organization – WHO. 2021. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/suicide>. Acesso em: 09 jul. 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Suicide in the world**: global health estimates. EUA: World Health Organization. 32p. 2019.